

ADRIANINHA | BASQUETE

PLACAR

A CAMINHO
DE SER A ÚNICA
A PARTICIPAR
EM 5 JOGOS

Geografia | 5ª parte

PAÍSES OLÍMPICOS:
LETRAS G - H - I

Manual dos Esportes | 5ª entrega

CONHEÇA MAIS DA
ESGRIMA E DO FUTEBOL

**GLOSSÁRIO
OLÍMPICO**
5ª parte

DE SUCESSOR DE ROGÉRIO CENINO SÃO PAULO
A ESPERANÇA DE MEDALHA PARALÍMPICA

BRUNO LANDGRAF

VOCÊ SABIA? A CURIOSA HISTÓRIA DAS MASCOTES DE CADA EDIÇÃO

Dez anos após o acidente que o deixou tetraplégico aos 20 anos, e após escutar os médicos diagnosticarem que só poderia abrir os olhos, o ex-goleiro do São Paulo que iria suceder Rogério Ceni, ainda hoje sem movimentar os dedos, é esperança de medalha para o Brasil nos Jogos Paralímpicos 2016. POR VANESSA CUBA

RECOMEÇO



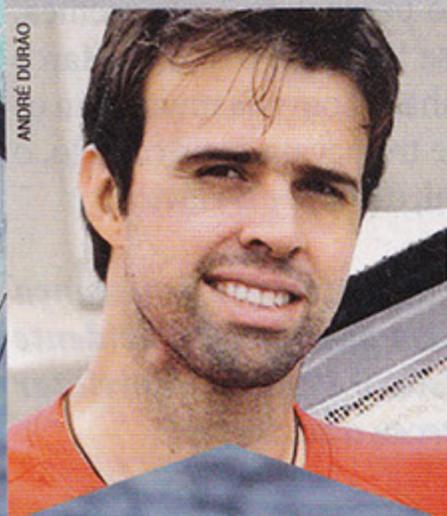
BRUNO LANDGRAF DAS NEVES

NASCIMENTO:
1º DE MAIO DE 1986
(30 ANOS)

LOCAL: SÃO PAULO (SP)

CLASSIFICAÇÃO
PARALÍMPICA:
11ª COLOCAÇÃO
EM LONDRES

PROVAS QUE DISPUTA:
VELA ADAPTADA,
CATEGORIA SKUD-18



ANDRÉ DURÃO

Dos treinos de futebol para o tratamento no hospital. Da cadeira de rodas para a 'vela adaptada'. Da represa paulista para as ondas do Rio de Janeiro. De repente, tudo mudou. Os sonhos daquele jovem goleiro do São Paulo, que era apontado como o sucessor do ídolo Rogério Ceni, poderiam ter acabado naquele 11 de agosto de 2006, quando seu carro capotou na rodovia Régis Bittencourt...

Bruno Landgraf das Neves ficou tetraplégico aos 20 anos. Perdeu dois amigos no acidente, Weverson, que também atuava como goleiro no 'Tricolor' paulistano, e Natália Lane Manfrin, que era atleta de vôlei. Foram oito meses no hospital se recuperando. E, apesar dos prognósticos negativos, Bruno sempre encarou de frente sua nova condição. Ele encontrou na vela a oportunidade de voltar a praticar um esporte. E mais do que isso: uma nova motivação para recomeçar sua vida. Sem pretendê-lo, menos de seis anos depois, ele tinha se transformado em um grande exemplo: Bruno e sua equipe foram os únicos representantes brasileiros da vela adaptada nos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012. Agora, morando no Rio de Janeiro, para poder treinar no palco da competição deste ano, ele espera melhorar seu desempenho e conquistar uma medalha. Bruno sempre quer mais...

Para os atletas paralímpicos, a vitória está em cada batalha diária, contra suas próprias limitações. Assim, enfrentando um obstáculo por vez e focado mais no presente do que no futuro, como se esti-

vesse esperando defender um pênalti no gol herdado do ídolo Rogério Ceni numa final da Copa Libertadores, Bruno vem escrevendo uma nova história no esporte. Sem bola e com vela. Dez anos após a tragédia, seus sonhos não acabaram, estão renovados. O país torce por ele. "Eu tinha como objetivo participar da Olimpíada de 2008, em Beijing, mas aconteceu o acidente. Então, para mim, Londres foi a realização de um sonho. Meu sonho hoje é conseguir representar bem o Brasil, o que sempre procurei fazer desde o futebol", disse à PLACAR abrindo a entrevista.

PLACAR - Você chegou ainda garoto ao São Paulo Futebol Clube. Quando foi que isso aconteceu e o que o fez querer ser jogador de futebol?

Bruno - Eu comecei a treinar no São Paulo quando tinha 12 anos e passei por todas as categorias de base. Sempre gostei de esporte, fiz judô quando era mais novo e sempre jogava futebol também no time da minha cidade. Fiz uma peneira em Itapeverica da Serra e, após alguns testes, entrei para o São Paulo. No começo eu joguei um pouco na linha, mas acabei gostando mais de atuar no gol.

P - Conte um pouco mais dessa época nas categorias de base. Você passou a morar no clube?

B - Eu entrei no Dente de Leite, e treinava segunda, terça e quinta-feira. No infantil já era de segunda a segunda. Depois morei um tempo no Morumbi,

VELA ADAPTADA

A vela foi adaptada para os atletas paralímpicos recentemente, sendo que passou a valer medalhas na edição de Sydney 2000. Existem três categorias da modalidade: 2.4mr, SKUD-18 e Sonar.

- **2.4mr** - Individual: atletas que possuem uma deficiência mínima.
- **SKUD-18** - Dois atletas: com diferentes graus de deficiência, um integrante deve ser do sexo feminino.
- **Sonar** - Três atletas: um comitê classificador divide os velejadores de acordo com suas habilidades funcionais. São concedidos pontos de 1 a 7, do mais baixo ao mais alto nível de funcionalidade, e o total da equipe não deve ultrapassar 14 pontos.

Atletas com qualquer tipo de deficiência e sem distinção por gênero podem participar da competição.

O BRASIL NA VELA ADAPTADA

O Brasil só participou de duas edições dos Jogos Paralímpicos com a vela adaptada. Sua estreia aconteceu em Pequim em 2008, com a classe Sonar, terminando no 14º lugar. Em 2012, Bruno Landgraf foi o único representante brasileiro da vela adaptada, ao lado de Elaine Cunha, na classe SKUD-18. A dupla terminou o torneio em Londres na 11ª colocação, com 96 pontos.

“OS MÉDICOS FALARAM QUE EU SÓ PODERIA MEXER OS OLHOS... HOJE TENHO UM POUCO DE SENSIBILIDADE NAS PERNAS, BASTANTE FORÇA E TAMBÉM MOVIMENTO OS PUNHOS”

no alojamento, e também em Barueri, quando o São Paulo alugou o Centro de Treinamento do José Roberto Guimarães, o atual técnico da seleção feminina de vôlei.

P - Como foi a conquista da Copa do Mundo de Futebol Sub-17 com a seleção brasileira em 2003, vencendo a Espanha de Cesc Fábregas - Bola de Ouro do torneio- na final?

B - Foi muito gratificante para o nosso grupo. Não conseguimos vencer o Campeonato Sul-Americano, mas nosso time era bom (NdR: entre os mais conhecidos atuavam Arouca, Jonathan e Ederson) e a comissão técnica sabia do nosso potencial. No primeiro jogo nós empatamos com Camarões, e ficamos chateados com o resultado, mas depois o time se acertou e conseguiu o título. Desde o Sub-15 a gente trabalhava visando ser campeão.

P - E como aconteceu sua chegada ao time profissional? Quais as suas principais recordações desse período?

B - Eu subi para o profissional logo após o primeiro jogo da final da Copa Libertadores em 2005. Quando eu estava nos juniores já me chamavam para fazer alguns treinos com a equipe principal. De recordações, fica a amizade com todos, não só com os jogadores. Com todos do Centro de Treinamento, que sempre ajudavam quando eu morava lá, as tias da limpeza, da cozinha, os seguranças. E também o pessoal da parte técnica, o doutor José Sánchez, o doutor Marco Aurélio Cunha... Convivia muito com os goleiros, que treinavam mais comigo, o Rogério Ceni, o Bosco e o Flávio...

P - Qual a sua primeira lembrança após o dia em que sofreu o acidente automobilístico? Poderia nos relatar como aconteceu o acidente?



B - Do acidente não lembro muito, sei mais pelo que me contaram. O pessoal diz que o carro capotou no barranco. Passei quase um mês na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), e após cerca de dois meses é que tenho lembranças, quando já estava no quarto. Do período na UTI não me recordo.

P - *E quando você soube das consequências físicas? Esse foi o momento mais complicado da sua vida?*

B - Eu passei em torno de três meses sem poder falar, respirando por aparelhos, então não tinha como perguntar. Sentia que havia alguma coisa errada, porque fazia força e não conseguia movimentar nada. Mas eu nunca me desesperei, minha família sempre esteve comigo. Não foi isso o mais difícil, e sim quando soube que o Weverson e a Natália haviam falecido. Foi a parte mais dura, quando fiquei sabendo disso.

P - *Qual foi a lesão que você sofreu?*

B - Tive lesão medular na cervical, na vértebra C3 e C4.

P - *Qual a importância do Rogério Ceni em sua recuperação? Tem mantido contato com ele?*

B - O Rogério sempre me ajudou muito. Quando cheguei ao hospital São Luiz, ele já estava fazendo minha ficha médica. E depois ele estava sempre junto, no hospital e quando tive alta. Até hoje nos falamos toda semana por telefone.

P - *Conte um pouco sobre esse período, no hospital. Por quanto tempo ficou internado?*

B - Eu estive oito meses e 12 dias hospitalizado. Quase um mês na UTI, e dois ou três meses na semi-intensiva. O resto do tempo eu fiquei no quarto da clínica. Comia por sonda e respirava com a ajuda de aparelhos. Aos poucos fui tirando os aparelhos, voltando a comer normalmente e a falar.

P - *Quando teve certeza de que estava pronto para recomeçar?*

B - Desde a época do hospital, nunca fiquei para baixo.

P - *O que mais te deu força e como superou os momentos de recaída?*

B - Sabia das dificuldades, mas acho que a ajuda da família foi muito importante para que eu não tivesse nenhum momento de recaída. Eles sempre me ajudaram e continuam me ajudando para eu poder me recuperar.

P - *Como foi o início de seu processo de recuperação física?*

B - Saí já fazendo fisioterapia, e todos os tratamentos, buscando cada dia estar melhor. Eu fazia 'fisio' três vezes por dia durante o tempo em que fiquei no hospital, para a parte respiratória e para não atrofiar os músculos. Quando fui para casa, fazia de segunda a segunda, e logo comecei a fazer reabilitação no Hospital das Clínicas. Fiz outros tipos de terapia e estimulação elétrica também.

P - *Quais avanços em relação ao tra-*

tamento você obteve desde 2006?

B - Os médicos falaram que eu só poderia mexer os olhos. Quando saí do hospital quase não movimentava os braços e desde que comecei a fazer os tratamentos fui ganhando equilíbrio de tronco e movimentando mais. Hoje tenho um pouco de sensibilidade nas pernas, tenho bastante força e também movimento os punhos. Só não os dedos ainda, porque é um pouco mais demorado.

P - *Se pudesse enviar uma mensagem para si mesmo, o que falaria para o Bruno de dez anos atrás?*

B - Acho que falaria para dar valor às pequenas coisas. A gente aprende muito com o que aconteceu. E começa a valorizar ainda mais coisas do que antes.

P - *Como é atualmente sua rotina em relação ao tratamento da lesão?*

B - Quando eu estava na cidade de São

MILTON CRUZ, EX-AUXILIAR TÉCNICO DO SÃO PAULO FC

"O Bruno era um goleiro que promovemos da base para o profissional. Ele estava treinando com o nosso grupo, tinha estado na seleção brasileira Sub-20 e demonstrava ter um potencial muito grande. Após um jogo que tivemos, ele saiu da concentração e acabou sofrendo esse acidente, que o deixou tetraplégico. Todo mundo ficou muito triste. Ele sempre foi forte, contou com o apoio dos pais e do Rogério Ceni também, que sempre estava presente. Então eu não duvido que ele tem todos os méritos de estar na Paralimpíada. Com sua força de vontade, a capacidade de luta que demonstrava mesmo antes do acidente, ele chegou lá. Teve força para superar esse momento difícil. Claro que o melhor é que estivesse 100%, mas a vida nos prega algumas situações que só vamos entender muito depois. Estou torcendo por ele, para que tenha um bom desempenho na competição."

BERENICE CHIARELLO, FUNDADORA DO CLUBE PARADESPORTIVO SUPERAÇÃO

"Eu que convidei o Bruno Landgraf para começar na vela. O Renato Valentim, que hoje é meu marido, deu um livro de vela para ele e disse: "Se você gostar, será um cara que vai velejar". E ele começou a vir aprender, treinar... Ele chegou no Clube Paradesportivo Superação em 2008. E nós iniciamos o treinamento com ele no veleiro 'Poli 19', que foi desenvolvido pelo Departamento de Engenharia Naval da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Adaptamos o veleiro para ele de acordo com o barco Skud, na modalidade em que ele compete agora. Inicialmente, o Bruno fez dupla com a Elaine Cunha e eles estiveram nos Jogos de Londres em 2012. Eu iniciei meu trabalho com a vela adaptada há 15 anos, em 1999, após a fundação do Superação, junto com o Renato. Os primeiros atletas começaram em veleiros da classe Day Sailer adaptados. Depois de um ano de treinos regulares, conseguimos montar o primeiro torneio de vela adaptada do Brasil: o PRÊMIO GRASCON-SUPERAÇÃO. Os anos foram se passando e nós começamos a incluir nossos atletas paralímpicos em regatas comuns, eles estiveram na represa de Guarapiranga, Ilha Bela, Presidente Epitácio, Santos e até no Rio de Janeiro. Confio muito no Bruno."

Paulo, fazia fisioterapia todos os dias, hidroterapia duas ou três vezes na semana, os tratamentos e também fazia academia. Aqui, no Rio de Janeiro, faço os exercícios em casa, tenho um aparelho para ficar em pé, para descarregar o peso nas pernas, tem o tablado, faço eletroestimulação e academia também, fora os treinos na água.

P - Como começou sua relação com a 'vela adaptada'?

B - Eu fazia hidroterapia em uma faculdade em São Paulo. E a Berenice Chiarello, uma das professoras, tem com seu marido um projeto de vela, o Clube Paradesportivo Superação. Eu fui conhecer esse projeto um final de semana, saí para velejar com três ou quatro pessoas, gostei e acabei voltando. Demorei em voltar porque tinham que fazer uma adaptação, fazer uma cadeira para eu poder começar a treinar. Mas voltei...

P - Como era a rotina de treinos na represa de Guarapiranga e quando decidiu que iria se dedicar profissionalmente à vela?

B - No começo eu treinava sábado e domingo, era mais como reabilitação. E só tinham esses dias. O nosso treinador na época, Vitor Hugo, foi para a Paralimpíada da China, em Beijing 2008, e voltou falando que nós poderíamos conseguir uma vaga para Londres. E acabamos indo, recebemos um patrocínio do 'Time São Paulo' (projeto que oferece suporte ao desenvolvimento esportivo de atletas de alto nível) e assim tivemos condições melhores. Começamos a treinar mesmo para poder competir em 2009, quando conseguimos adaptar o barco, tornando-o parecido com o de competição; três anos depois estávamos nos Jogos de Londres.

P - Quando e como aconteceu a mudança para o Rio de Janeiro?

B - Em 2014 começamos a treinar no Rio, mas só de 15 em 15 dias. Ainda era pouco tempo. Então fizemos uma carta para o 'Time São Paulo', colocando que gostaríamos de mudar para o Rio para

“LONDRES FOI A REALIZAÇÃO DE UM SONHO DE MENINO. ESTAR LÁ FOI BOM PARA VER COMO É UMA PARALIMPÍADA... VIVÊ-LA DE DENTRO”

poder treinar mais vezes no local da competição. Isso seria muito importante para nós. Eles aceitaram e aumentaram a nossa bolsa para que pudéssemos mudar para cá. Agradeço muito.

P - O que mudou em sua vida pessoal e profissional com isso? Sua família foi com você?

B - Eu vim ao Rio com os meus pais e tivemos que mudar tudo em relação a São Paulo. Mas foi bom, estávamos cientes do que ia acontecer. Foi pensado. Era importante para o treinamento e essa era a meta, não improvisamos. Esperamos que essa mudança nos ajude para os Jogos.

P - Quais são as vantagens de ter o palco dos Jogos Paralímpicos como sede dos treinos?

B - É ótimo treinar na Baía de Guanabara, no local onde vai acontecer a competição. Em São Paulo nossos treinos eram na represa, e tem diferença do vento, maré... Temos que aprender a cada dia com os treinamentos para poder chegar bem. É importante, sim.

P - O que mais o atrai nesse esporte atualmente?

B - A vela, para mim, hoje em dia, é

minha vida. É o que gosto de fazer. A vela me proporciona uma sensação de liberdade única. Porque para muitas coisas que faço, no dia a dia, preciso ter alguém me ajudando. Já na vela posso tomar as decisões junto com a equipe, com a minha parceira, Marinalva de Almeida. O treinador fica fora do barco, então é a gente que toma as decisões e está ali fazendo tudo. Isso para alguém na minha situação é fundamental. Você sente que vive, que é importante, que decide...

P - Como foi a experiência de participar dos Jogos de Londres e quais lições trouxe de lá?

B - Em 2012, só a equipe do Skud que conseguiu a vaga. Eu tinha como objetivo participar de uma Olimpíada, pensava na da China com o time de futebol, mas aconteceu o acidente. Então, para mim, Londres foi a realização desse sonho de menino. Estar lá foi bom para ver como é uma Paralimpíada. Ver o que é; vivê-la de dentro. Hoje, mesmo sem um ciclo de quatro anos, tivemos um crescimento muito grande e atribuo parte disso à nossa presença na Inglaterra.

P - Quais as maiores dificuldades enfrentadas por um atleta paralímpico no Brasil? Falta estrutura, não há reconhecimento?

B - Acho que muito vem da falta de estrutura mesmo. Carência histórica. Está melhorando, com os Jogos no Rio, bastante, hoje é melhor do que era.

P - Por exemplo?

B - Em 2012 a gente não tinha o barco de competição aqui no Brasil. Recebemos nosso barco um ou dois meses antes, para a Paralimpíada. E, sobre a visibilidade, mesmo para quem já é medalhista, como o Daniel Dias e a Terezinha, ainda há pouca divulgação. Precisa melhorar, porque uma coisa traz a outra...

P - O que podem esperar os brasileiros em relação ao seu rendimento, considerando sua preparação até agora? Acredita ser favorito à medalha?

B - Evoluímos a cada dia. Buscamos me-

lhorar o resultado de Londres e ficar entre os cinco primeiros colocados.

P - Acredita ser favorito à medalha?

B - Os atletas de fora são muito experientes, mas com a evolução que estamos tendo nos treinamentos podemos, sim, buscar uma medalha.

P - Na sua opinião, o Brasil está bem preparado para sediar os Jogos Paralímpicos?

B - Está melhorando em diversos aspectos, na parte de estrutura e acessibilidade, por exemplo. Acredito que serão bons Jogos, e os atletas serão bem recebidos. Espero que tudo isso continue melhorando depois que terminarem os Jogos, que se continue dando o apoio que temos hoje.

P - Qual será o legado do torneio?

B - Um legado deve ser em relação aos materiais, equipamentos. O outro é que as pessoas também poderão ver os deficientes de uma forma diferente, não como coitadinhos. Se o Rio ajudar nisso, será ótimo.

P - Qual a importância do Mundial de Vela Adaptada, o Delta Lloyd Regatta, de Medemblik, na Holanda, que acontecerá entre os dias 24 e 28 de maio (NdR: a entrevista foi logo antes do embarque de Bruno para os Países Baixos) para sua carreira e para sua preparação visando os Jogos?

B - É importante porque nesse torneio competimos com todas as equipes que vão estar na Paralimpíada do Rio de Janeiro. Podemos então ter um parâmetro da nossa evolução.

P - Quem é seu ídolo, quem o inspira

no esporte e na vida?

B - Sempre tive o Rogério Ceni como ídolo e tive a oportunidade de treinar ao lado dele; um exemplo para mim como profissional e como pessoa. Conheci também o Robert Scheidt e o Lars Grael, muito profissionais e exemplos no esporte. Na vela também tenho como exemplo as campeãs mundiais de iatismo, as brasileiras Martine Grael e a Kahena Kunze. E na vida, a minha família...

P - Qual é o seu sonho atual e como você imagina estar daqui a dez anos?

B - Meu anseio hoje é conseguir representar bem o Brasil, o que sempre procurei fazer desde o futebol. Também espero ser exemplo para as pessoas, e para as crianças com ou sem deficiência, para que nunca desistam dos seus sonhos. Procuro não pensar muito a longo prazo, e sim viver cada dia e melhorar sempre.

ROGÉRIO CENI, EX-GOLEIRO E ÍDOLO DO SÃO PAULO

"Eu vou torcer muito pelo sucesso do Bruno, como atleta, agora nessa Paralimpíada. Talvez seja o maior exemplo de superação que eu vi em toda a minha vida. Um acidente tirou uma promessa e possível grande alegria de dentro do mundo do futebol, mas revelou para ele uma força espiritual muito grande e para nós revelou um exemplo de vida. Ele evoluiu não só como atleta mas especialmente como ser humano. É a maior superação que já vi de uma pessoa próxima a mim durante tantos anos."



FOTO: DIVULGAÇÃO/EQUIPE BENEDITA IMAGEM



O apoio da família e do goleiro Rogério Ceni sempre foi fundamental para a recuperação de Bruno

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ